

Experiência docente em três cursos a distância do Projeto Narravis

Raquel Parrine¹

¹Doutoranda em Estudos Hispânicos na Universidade de Michigan. Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Foi professora do Projeto Narravis na Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: rpar-rine@umich.edu.

RESUMO

Experiência de modelagem e ensino de três cursos a distância oferecidos entre agosto de 2012 e novembro de 2013, chamados Aspectos da Literatura Policial (ALPL) e Aspectos da Literatura Policial: o Método (MALP). O texto mostra a tentativa de tradução para o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de recursos didáticos próprios do ensino presencial, com maior ou menor grau de sucesso. Além disso, nos dedicamos a ressaltar técnicas de ensino que podem ser aprimoradas, fazendo uso de recursos oferecidos pelo Moodle e pela rede mundial de computadores. A partir do ensaio e erro, analisamos as ferramentas de acordo com o bom aproveitamento delas por parte dos alunos e do sistema. Ademais, apresentamos passo a passo a rotina de criação e tutoria de um curso a distância.

Palavras-chave: Educação a Distância; Literatura Policial; Didática em EaD.

Teaching experience in three distance courses of Project Narravis: interaction reports

ABSTRACT

Learning, developing and teaching experiences in three online courses offered between August 2012 and November 2013, called Aspects of Crime Literature and Aspects of Crime Literature: the Method. This article presents the attempts to translate to Moodle, didactic resources from the live teaching experience, with different degrees of success. Besides, we dedicated ourselves into highlighting teaching techniques which can be improved, using tools offered by Moodle and the World Wide Web. Through essay and failure, we analyze the approaches based in its effectiveness with the students. Furthermore, we present the step by step of the routine of development and teaching online.

Keywords: Online Education; Crime Literature; Didactics in *ad hoc* teaching.

INTRODUÇÃO

Fui a professora responsável por dois cursos de extensão no projeto Narravis (Narrativas e Visualidades), *Aspectos da Literatura Policial (ALPL)* e *Aspectos da Literatura Policial: o método (MALP)*, ambos hospedados na plataforma Moodle da Universidade Federal do Vale do São Francisco. O primeiro curso foi oferecido no segundo semestre de 2012 e no segundo semestre de 2013. O segundo, no primeiro semestre de 2013.

O tema escolhido seguiu a pesquisa que eu estava finalizando no meu mestrado em teoria literária e literatura comparada, na Universidade de São Paulo, cuja defesa aconteceu durante a experiência do curso. Nosso público-alvo eram leitores e interessados em literatura policial, acima de 18 anos.

Como ambos cursos foram hospedados no Moodle da Universidade Federal do Vale do São Francisco, contaram com os recursos deste para sua articulação. A metodologia baseava-se em uma rotina semanal na qual se incluíam um texto obrigatório (normalmente, um conto policial), um texto complementar (em geral, um texto teórico) e uma música ou um link de apoio. A ideia era explorar ao máximo os recursos oferecidos pela internet, usando vídeo, áudio, hiperlinks, para que o aluno se motivasse. Além disso, estes vários materiais visavam estimular o interesse e a autonomia do aluno que quisesse pesquisar e aprofundar seus estudos. Ademais, foram oferecidos textos de apoio em uma pasta do dropbox, que os participantes do curso pudessem acessar independentemente do professor e das indicações semanais.

Recursos didáticos e descrição dos cursos

O primeiro passo para montar esta didática baseada na “hiperlinkagem” foi o curso de Modelagem e Gestão de Ambientes Virtuais, realizado no primeiro semestre de 2012. Oferecido pelo projeto Narravis, também a distância, que preparou os docentes para lecionarem no ensino a distância—o que significa não só dominar os instrumentos do AVA, mas também, e principalmente, tornar o professor um agenciador de conteúdos, incentivando a liberdade dos alunos.

No tocante ao planejamento, a primeira grande diferença entre o ensino presencial e o ensino a distância está na preparação do material. A orientação que recebemos da coordenação era preparar o curso *completamente* antes do início das aulas. No caso do ensino presencial, estamos falando de um cronograma razoavelmente flexível de aulas e organização dos textos disponíveis para os alunos. Entretanto, no caso da EaD, trata-se não só desta organização, mas também da preparação do curso no Moodle, toda a sua criação visual, a organização dos recursos (chat, fórum, perguntas, etc.), a disponibilização de textos e filmes, a preparação de tutoriais sobre o Moodle e também a transcrição de todas as aulas. Este processo de preparação é a etapa mais longa e mais trabalhosa do curso.

A segunda etapa é a divulgação dos cursos, que foi feita por e-mail e pelas redes sociais. Em se tratando de literatura policial, destaco a importância da divulgação em contextos centrados neste gênero específico, ou seja, em espaços virtuais como o Clube de Leitura Agatha Christie.

A etapa seguinte, a inscrição, feita pelo site do Narravis (www.narravis.net.br), sempre apresentou um número muito maior de interessados do que de vagas. No primeiro curso, por exemplo, oferecemos 20 vagas e tivemos mais de 100 inscritos. No último curso, foram 30 vagas e 73 inscritos, porque desenvolvemos o critério de encerrar as inscrições quando atingíssemos um número satisfatório de interessados.

Depois disso, a etapa da seleção se mostrou especialmente trabalhosa. Todos os candidatos preencheram um formulário com informações básicas (nome, cidade, idade, nível de escolaridade, etc.) e tiveram que escrever uma carta de interesse. Entretanto, os critérios de seleção eram subjetivos e ficaram a cargo de cada professor. Baseei-me mais na carta de interesse. Tomei a liberdade de escolher candidatos para os quais o curso fosse especialmente útil, como por exemplo, pós-graduandos que estudam literatura policial, ou leitores experientes do gênero. Para mim, era importante criar um ambiente de troca de informações – e este provou ser um fator crucial para o andamento do curso e da minha pesquisa no mestrado. Como critério de desempate, escolhi diversificar os alunos por estado, tentando desconcentrar a assistência do eixo Rio-São Paulo.

O *ALPL* e o *MALP* representaram uma oportunidade para alunos de Letras, e demais interessados, que não têm acesso à literatura de gênero, pois ela não faz parte do currículo universitário. De fato, o interesse pelo estudo sério desta área, no âmbito acadêmico, é pouco e raro. Literatura policial, erótica, infantil, rosa, de horror, de suspense, de fantasia são consideradas subliteraturas, menos por sua qualidade intrínseca e mais pela relação que possuem com o mercado. A academia brasileira é ainda muito influenciada por intelectuais da Escola de Frankfurt, como Adorno, que avaliam a arte por sua função política. Dessa forma, só um curso de extensão poderia dar o espaço para perguntas em relação a essa produção.

Por causa dessa carência, inclusive da literatura básica sobre o tema por parte dos alunos, o primeiro curso versou sobre a história da literatura policial. O que me interessava era menos apresentar a catalogação histórica do que já foi chamado de policial, mas principalmente utilizar um método indutivo para valorizar a opinião dos alunos e propor, talvez, novas historicizações.

Para o primeiro curso, foi oferecido um debate sobre o policial como gênero. Na primeira semana, disponibilizamos um vídeo com a esquete Agatha Christie, do grupo de comédia inglês Monty Python. O objetivo era observar como os comediantes manejam a ideia de repetição, comum a um pensamento que rotula o policial como fórmula. Pedia-se para que os alunos pensassem o vídeo em relação a um texto clássico da crítica do policial, as Regras de Van Dine. Na semana seguinte, concluímos a discussão com outro texto clássico, “Tipologia do Romance Policial”, do livro *Estruturas Narrativas*, de Tzvetan Todorov. O processo, idealmente, seria amadurecer o conceito crítico literário da literatura policial, sem impor conceitos prévios aos alunos.

Em seguida, passamos para os textos literários, com “Assassinato na Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe – considerado o primeiro conto policial, publicado em 1841. Como atividade complementar, ativei um link para a música “Murders in the Rue Morgue”, da banda inglesa Iron Maiden. Depois, seguimos para uma apresentação não ortodoxa: quis demonstrar a ideia do policial como um *Zeitgeist* do século XIX, sugerindo a influência do gênero em um autor não policial. Muitos alunos se surpreenderam com a escolha de “A causa secreta”, de Machado de Assis e muitos criticaram minha opinião. En-

tretanto, alguns alunos utilizaram justamente este texto para o trabalho final, o que demonstra que a justificativa usada por mim convenceu, pelo menos em parte. Para fechar o policial clássico oitocentista, terminamos o módulo com “O segredo do Padre Brown”, clássico de G. K. Chesterton. Este conto, ao contrário do anterior, foi muito bem recebido pelos estudantes e repetidamente apontado, nas análises que me entregaram no final do semestre, como o ponto alto do curso. Como texto complementar, lemos “Los laberintos policiales y Chesterton”, de Jorge Luis Borges, em que o autor argentino testemunha a influência do autor inglês em sua obra.

Na 7ª. semana, lemos o único texto que repeti nos dois cursos, “Uma defesa das histórias de detetive”, de Chesterton. Eu mesma traduzi o ensaio, por não haver opções de tradução ao português acessíveis no momento. Nesta semana, os alunos me ajudaram a chegar a uma compreensão muito mais profunda do sentido deste curto ensaio. O resultado foi publicado em um artigo, “Sobre a poesia das chaminés: questionamentos acerca de gênero policial, literatura-mundo e outros hieróglifos humanos em três tentativas”, na revista *Letrônica*, da PUCRS².

O ensaio de Chesterton serviu como transição para o século XX, quando temos um novo paradigma de detetive. Assim, lemos alguns capítulos de *O longo adeus*, um dos últimos romances de Raymond Chandler, tentamos comparar elementos estéticos do romance com a música do grupo mineiro Skank chamada “Romance Noir”, sugerimos a versão fílmica feita por Robert Altman, disponibilizamos um ensaio de Otto Maria Carpeaux sobre a diferença entre o policial duro e o clássico e, finalmente, na semana seguinte, comparamos a visão conservadora de Chesterton sobre o detetive, com a naturalista de Chandler, no seu ensaio “A arte simples do crime”. Duas semanas são muito pouco tempo para dar conta desta discussão, mas os alunos se empenharam em seus comentários analíticos.

Por fim, do século XX, lemos “A morte e a bússola”, um conto clássico tanto do policial como da literatura hispano-americana no geral. Borges é um exemplo interessante de como a subliteratura emerge como literatura quando convém. Também chama a atenção como ele articula os mesmos elementos que sempre ali estiveram – o espaço, o tempo, o *chiaroscuro*, o detetive, as pistas, o *puzzle* – e os torna diferentes de si mesmo, de uma forma inovadora. Com Borges, discutimos tradição e ruptura de uma linhagem que começava a ficar cada vez mais clara para os alunos.

Terminamos com um conto menos conhecido, “Um criminoso”, de Paulo Henriques Britto. Tive vontade de encerrar o curso com algo verdadeiramente contemporâneo que demonstrasse as possibilidades ainda pungentes num gênero que já existe há 150 anos.

A avaliação dos alunos consistiu em um ensaio de quatro páginas, uma análise sobre um dos contos que estudamos em sala de aula, ou um artigo teórico sobre algum dos temas. O resultado mostrou o entusiasmo do trabalho feito durante todo o semestre. Alguns ensaios tinham alta qualidade acadêmica e poderiam ser publicados em alguma revista da área. Uma das alunas desenvolveu o trabalho final em um artigo.

O conteúdo do segundo curso foi determinado por questões que ficaram em aberto no primeiro curso, por demanda dos alunos. Aceitei, também, alunos que não haviam feito o primeiro módulo. A ideia era discutir como se constrói o efeito de mistério na lite-

ratura policial e como isso tem a ver com a história da literatura.

Começamos com uma palestra TED apresentada pelo diretor J. J. Abrams, da série *Lost*. Esta palestra, e a caixa Tannen que Abrams ganhou do avô e nunca quis abrir, deu o tom de todo o curso, servindo como uma espécie de metáfora para o efeito de suspense. Os alunos usaram este vocabulário do início ao final do curso.

Foi inevitável seguir uma ordem cronológica: começamos por outro conto germinal da literatura policial, “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. A intenção era apontar para os alunos o fato de que nunca se sabe o que estava escrito na carta – esta é uma das leituras mais potentes do policial, apresentada em um dos Seminários de Lacan. A carta roubada é uma imagem do inconsciente. Nesta semana, “Assassinatos na Rua Morgue” era leitura complementar, especialmente para os novatos, que poderiam querer se atualizar em relação ao curso anterior.

Na quarta semana, voltamos a Machado de Assis. A carta roubada agora era uma carta de tarô, em “A Cartomante”, outro conto clássico que pode ser lido desde a perspectiva do policial. Entretanto, desta vez, seguindo a diretriz do Narravis de unir narrativas e visualidades, decidi ir além e comparar este conto clássico com um episódio premiado de uma das séries policiais mais bem sucedidas da televisão americana. A série é *Arquivo-X* e o episódio se chama “O repouso final de Clyde Bruckman”. Minha intenção era que discutíssemos a questão da linearidade da narrativa policial, que é quebrada pela possibilidade de visão do futuro. A pergunta da semana era: “o que tem na figura do vidente (da cartomante, no caso do Machado) que é alérgico ao mistério? Que jogo essas obras fazem entre a intriga e a previsão do futuro? No que diz respeito ao método, será a cartomante o oposto do detetive?”

Na semana seguinte, lemos o ensaio de Carlo Ginzburg, “Sinais” e comparamos com o filme de Alfred Hitchcock, “Janela Indiscreta”. O filme causou bastante impacto entre os alunos, principalmente os que não tinham familiaridade com a obra do diretor inglês. O ensaio, entretanto, pareceu muito profundo para um curso de extensão.

A semana 6 apresentou o ensaio repetido de Chesterton “Uma defesa das histórias de detetive”, junto ao “Como escrever histórias de detetive”. Infelizmente, os alunos novos tiveram dificuldade de acompanhar a discussão, porque não haviam passado pela primeira aula do primeiro curso, que comentava o policial como fórmula. A leitura complementar desta semana foi “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe, e a atividade complementar, a música de Charles Mingus, “Goodbye Pork Pie Hat”, cuja melancolia condizia com as palavras do escritor inglês.

A semana 7 começava com bom humor. Quanto mais familiarizada eu ficava com o método de ensino a distância, mais me permiti tomar liberdades pedagógicas. Assim, como era um curso de extensão, baseado em leituras no computador, decidi investir tanto no texto quanto em elementos visuais (falarei mais sobre isso adiante). Por isso, o título da aula desta semana era “A aula mais chata teórica do semestre”. Ao usar o tachado, estava articulando uma linguagem própria da internet, resistindo ao ensejo acadêmico de simplesmente redigir uma mensagem e comunicar uma informação. Também fiz isso com o nome dos fóruns, usando títulos espirituosos, que despertassem a curiosidade e a atenção dos alunos – por exemplo, na semana do Hitchcock, o nome do fórum era “O fórum indiscreto”; na semana do Arquivo-X, “O fórum abduzido”; com o Poe, “O fórum

roubado”; na do Campanella, “O segredo do seu fórum”, etc.

É da minha crença que a EaD será capaz, no futuro, de se tornar uma ferramenta de ensino completamente diferente e independente do ensino presencial, ao invés de ser usada como substituto deste. Isso só poderá acontecer se os professores, coordenadores e instituições de ensino forem capazes de articular seus cursos com o ambiente em que eles se encontram, a saber, a internet, e criar uma didática consistente e correspondente a este ambiente. A ideia não é simplesmente usar as TICs, tecnologias de informação e comunicação, mas também afinar a linguagem e a didática para mimetizar o raciocínio horizontal, dinâmico e veloz do seu suporte, a internet. O resultado é valorizar os textos curtos, abusar de hiperlinks, criar memes e outros diálogos entre imagem e texto, superar barreiras de mídia, suporte, gênero discursivo e de disciplinas.

Seguindo com as aulas do MALP, na semana 7 tivemos, portanto, dois textos teóricos, “Filosofia da Composição”, de Poe, e “Teses sobre o conto”, de Ricardo Piglia, acompanhados de um complementar, “Alguns aspectos do conto”, de Julio Cortázar. Brinquei com a possibilidade de evasão dos alunos após o confronto teórico, colocando um *link* para a música “Band on the Run”[Banda em fuga], de Paul McCartney e The Wings.

Na semana seguinte, lemos um dos contos mais famosos da literatura argentina, “Continuidade dos Parques”, de Julio Cortázar, com trilha sonora de Jorge Drexler, “Todo se transforma”. Tanto o conto quanto a música lidam com uma versão do tempo que se repete e é contínuo.

Nas semanas 9 e 10 continuamos com literatura hispano-americana, assistindo ao filme “O segredo dos seus olhos”, dirigido por Juan José Campanella, e lendo o conto “William Burnes”, de Roberto Bolaño. Finalmente, fechamos o semestre com o romance *A cidade de vidro*, que faz parte da *Trilogia de Nova York*, de Paul Auster, obra que marca uma virada epistemológica do policial como gênero, colocando-o no centro do romance pós-moderno.

A avaliação, neste curso, consistia em alguma das seguintes opções:

OPÇÃO 1:

Fazer uma análise (curta) de algum conto ou filme que vimos durante o semestre, usando, pelo menos, dois textos teóricos.

OU

Fazer a análise de algum conto escolhido por você, usando pelo menos dois textos teóricos. Neste caso, é necessário que me avise qual conto vai usar pelo menos uma semana antes.

OPÇÃO 2:

Escrever um ensaio sobre algum dos temas que estudamos, especialmente o método e o segredo, usando pelo menos três textos teóricos.

OPÇÃO 3:

Escrever um conto policial que elabore alguma das problemáticas que discutimos. Ele tem que vir acompanhado de um miniprojeto de um parágrafo especificando qual foi a problemática escolhida.

OU

Escrever um conto policial usando um detetive já existente, mas colocando-o no cenário de outro detetive existente. (Pai Brown na França do Dupin, Marlowe numa aventura de Sherlock Holmes, etc.).

Para a minha surpresa, a possibilidade de escrever um conto policial inspirou os alunos e de fato serviu para avaliar a influência dos textos do semestre na maturação do conceito do gênero.

No tocante ao perfil dos discentes, os critérios de seleção ajudaram a diversificar os candidatos, a fim de propiciar trocas de informação e experiência. Em todas as ofertas dos dois cursos, a maior parte dos alunos era graduada, oriunda de faculdades federais brasileiras. A faixa das idades girou em torno de 18-60 anos. Houve uma presença grande de discentes da área editorial, principalmente nas ofertas dos cursos de 2013, além de muitos alunos com pós-graduação, mestrados e doutores. Pelo menos metade dos alunos tinha uma experiência longa com leitura de romances do gênero policial, mas quase nenhum tinha leituras básicas sobre a crítica do gênero. Na seleção, tentei dar prioridade a candidatos que não tinham feito o curso de Letras, a fim de oferecer-lhes uma oportunidade singular de estudar literatura.

Com relação às tecnologias da informação e da comunicação, sua utilização foi frisada no curso de Modelagem e Gestão de Ambientes Virtuais, oferecido aos docentes do Narravis antes do início dos cursos. De fato, as TICs oferecem o diferencial entre os cursos EaD e os presenciais e se provaram decisivos para tornar o curso atrativo e dinâmico.

O recurso mais usado, como já dito, foram os fóruns semanais. A estrutura dos fóruns é familiar aos leitores de literatura, haja vista os fóruns de discussão de livros pela internet, que têm uma estrutura muito parecida. Assim, os alunos podiam se organizar para, em algum ponto da semana, compartilharem os comentários sobre suas leituras no fórum, cuja discussão, às vezes, superava a semana estipulada e se estendia. Isso acabou sendo um problema, principalmente na segunda edição do ALPL, quando os alunos se atrasavam para as leituras e postavam seus comentários uma semana, às vezes meses depois, a fim de marcar sua participação no fórum. Esta atitude obrigou a professora a fechar os fóruns depois da data estipulada (período de uma semana), resultando em uma perda para a discussão e para os alunos, que perdiam o acesso às discussões anteriores.

Outro problema encontrado com os fóruns foi a dificuldade de convencer os alunos da necessidade de ler todos os posts da semana. Este problema foi enfrentado especialmente no curso MALP, quando decidi aumentar o número de alunos para 30, aumentando, conseqüentemente, a quantidade de posts dos primeiros fóruns. Por exemplo, o fórum da segunda semana teve 108 comentários. Algumas semanas depois, tive que intervir no curso para instruir os alunos a lerem os comentários anteriores e minhas res-

pectivas respostas, para eliminar comentários repetidos que travavam as discussões.

Uma terceira questão apareceu, à medida que os cursos eram oferecidos pela segunda vez. No primeiro ALPL, os fóruns funcionavam muito bem com a opção de criar novos tópicos. Rapidamente, os alunos se organizavam em torno de um tópico central e tópicos secundários, ou [OFF], sigla usada em fóruns da internet e grupos em redes sociais. Assim, era possível hierarquizar assuntos e separá-los por interesse. No MALP e no segundo ALPL, entretanto, apesar das orientações dadas pela tutoria, foi necessário fechar a possibilidade de criar novos tópicos, porque os alunos não manejavam bem esta ferramenta. Alguns alunos a usam para chamar atenção para si e para a sua opinião; outros, se confundiam entre comentar e criar tópicos, tornando-se alheios à discussão principal. Parece-me que este instrumento é muito interessante e útil, mas que seu uso tem que ser cauteloso.

Mais um recurso TIC utilizado no primeiro curso e não repetido foi o chat do Moodle. Infelizmente, este é um recurso que deveria estar em manutenção, pois apresenta muitos problemas técnicos – o que acabou inviabilizando algumas aulas. Além dos problemas com a própria plataforma, há uma questão de cortesia virtual, alheia a algumas pessoas. Alunos que chegavam atrasados exigiam ficar a par do que já tinha sido explicado e postavam várias vezes perguntas que já haviam sido respondidas. Como, a distância, não existe a possibilidade de perguntar para o colega e ficar a par rapidamente do conteúdo já transmitido, os alunos passaram esse papel para a professora.

Uma solução para os chats, que é bem comum em cursos online como os oferecidos pelo Coursera, é o uso do Google Hangouts. Apesar de ter também seus problemas técnicos, é possível falar ao vivo com várias pessoas de uma vez e organizar as perguntas, para que todo mundo tenha sua vez. Além disso, o uso da câmera é dinâmico e o aplicativo é capaz de reconhecer quem está falando e transladar seu vídeo para o centro.

Ainda a respeito das TICs, acrescentei a atividade “escolha”, para fazer perguntas aos alunos: no primeiro ALPL, sobre a possibilidade de lermos *O longo adeus* inteiro; no segundo, sobre a imagem dos fóruns que deveria estar no nosso certificado. O recurso é muito interessante e serve para trazer uma comunicação mais direta com os alunos, o que às vezes é difícil fazer nos fóruns.

Ainda foram usados no curso vários recursos das redes. Utilizamos vídeos do YouTube, links para artigos de revistas online (como o suplemento “Ñ” do Clarín, periódico argentino), links para blogues (como o *Biscoito Fino e a Massa*, do professor Idelber Avelar), filmes em streaming (*O segredo dos seus olhos*, *Janela indiscreta*, *O longo adeus*), entre outros. A junção multimídia, permitida pela plataforma Moodle e pelo acesso à internet, foi muito produtiva e gerou questionamentos interessantes, por exemplo: Qual é a diferença entre a narrativa escrita e a narrativa fílmica? Em que sentido podemos comparar uma e outra sem apontar para essas diferenças?

Além disso, como já dito, a presença de hiperlinks e textos complementares – fornecidos tanto pela tutora quanto pelos alunos – se mostrou capital no processo de aprendizagem. Estimular o conhecimento por meio da curiosidade e interesses naturais dos alunos é uma possibilidade acentuada pela educação a distância.

Mais um recurso essencial foi a apresentação visual do curso. Ao invés de optar pela configuração básica do Moodle, resolvi incrementar o apelo visual das atividades semanais, usando imagens, fontes e cores. Como exemplo, segue a apresentação visual da primeira semana de aula do ALPL.

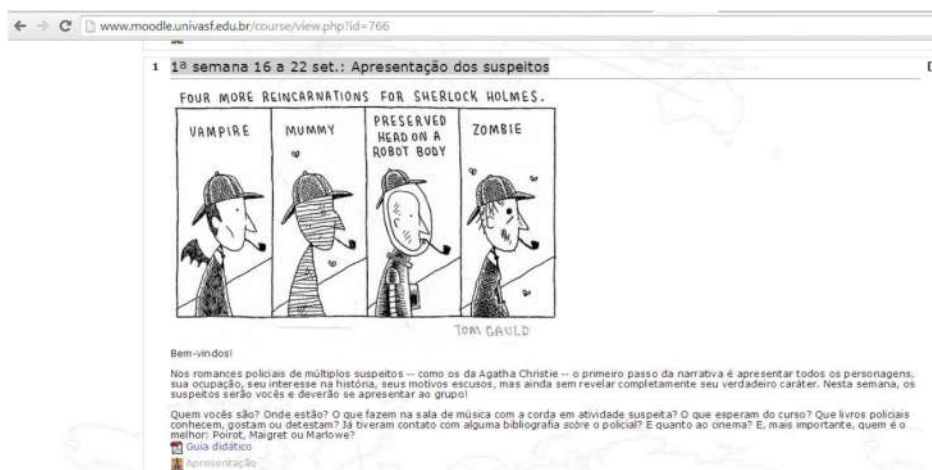


Figura 1. ALPL semana 1. Tradução: “Mais quatro reencarnações para Sherlock Holmes. / Vampiro / Múmia / Cabeça preservada em um corpo de robô / Zumbi”.

O título da aula da semana aparecia em letras pretas com fundo cinza, indicando o número da semana e a data de participação dos fóruns. Em seguida, vinha uma imagem ilustrativa da atividade a ser desenvolvida. Neste caso, uma tirinha do cartunista Tom Gauld. A tradução do texto da tirinha vinha em texto oculto, ou seja, aparecia quando o aluno pousava o mouse em cima da imagem. A primeira semana é dedicada à apresentação dos alunos. O texto da aula mimetiza o vocabulário e o estilo dos romances policiais, chamando os discentes de “suspeitos”, estimulando o jogo de linguagem e a articulação de saberes prévios que os alunos possam ter. Depois do título, vinham as atividades a serem desenvolvidas: neste exemplo, um link para o guia didático e um link chamado “Apresentação”, para o primeiro fórum.

As imagens provaram cumprir várias funções, além de promover apelo estético ao curso.



Figura 2. ALPL aula 7.

Por exemplo, na semana 7, acima, o tema era a construção da literatura policial através do espaço da cidade. Esta imagem, retirada da internet, não só ilustra o ponto principal da aula e obriga o aluno a tê-lo em conta, mas também cria previamente uma expectativa de sentido que auxilia os alunos na leitura dos textos. Assim, tendo visto a imagem da semana, ao fazerem a leitura obrigatória (no caso, “Uma defesa das histórias de detetive”, de Chesterton), o aluno é orientado a buscar uma conexão entre imagem e texto, o que o estimula a ressaltar o aspecto antecipado pela imagem – neste caso, a presença da cidade sombria que encoberta o semblante do personagem. Dessa forma, o tutor ajuda o aluno interpretar o texto sozinho, conduzindo-o no caminho da interpretação a ser trabalhada em aula.

Após este método indutivo, que normalmente redundava em conclusões por parte dos próprios alunos, o arremate do fórum já está dado: no último comentário da semana, eu “revelaria” o “mistério”, ou melhor, oferecia textualmente as relações entre texto e imagem e as respostas (ou hipóteses) para as perguntas apresentadas na aula.

Mais uma função das imagens nos tópicos é a possibilidade de “hiperlinkagens”, ou melhor, a sugestão leituras comparadas.

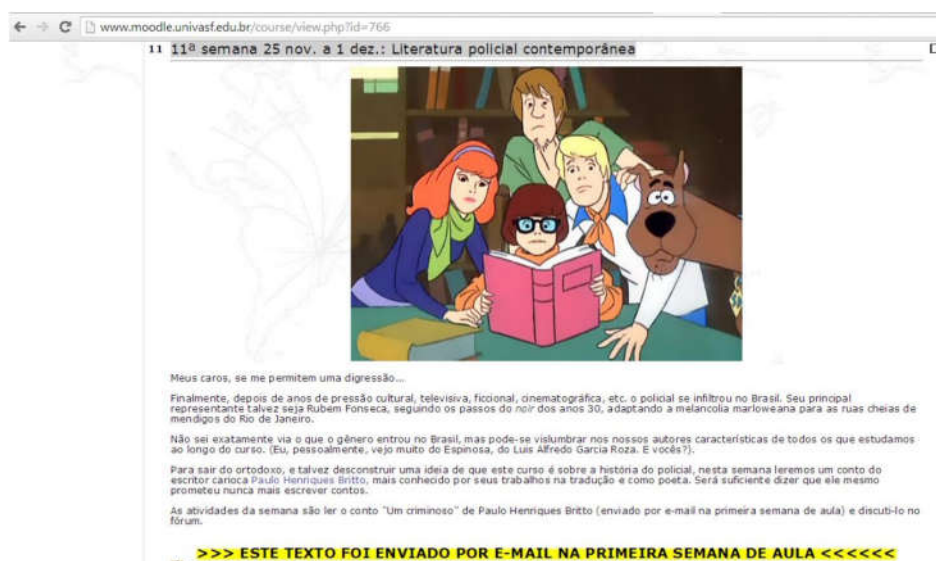


Figura 3. ALPL semana 11.

No caso deste tópico, sobre literatura policial contemporânea, inseri uma imagem que, aparentemente, não tem nenhuma conexão óbvia com a leitura obrigatória, qual seja, o conto “Um criminoso”. Entretanto, a turma de Scooby Doo sendo flagrada lendo um livro (imaginamos, um livro policial), nos traz o ponto principal desta aula, isto é, a ideia de que, a partir dos anos 60, o gênero policial cria uma consciência de si mesmo e acaba como pivô de um movimento de metaficção. Não é à toa que, no desenho, os personagens estão sempre presos em uma ilha ou em uma casa e que vários suspeitos se apresentam, sendo que, no final, desmascara-se a impressão de conto de horror e encontra-se, por trás da máscara, o culpado real. Em outras palavras, estou apelando ao conhecimento prévio dos alunos (no caso, de um desenho infantil), para ilustrar um momento da história da literatura (que é meu dado novo), estimulando uma comparação (literatura policial dos anos 1960 = Scooby Doo). Além de ser um recurso comparatista, é também mnemônico.

CONCLUSÃO

Em suma, minha experiência como professora do projeto Narravis me educou para as possibilidades reais do ensino a distância. Ao invés de compará-lo com o ensino presencial, no sentido de prepará-lo para suplantar a sala de aula num futuro próximo, a experiência me trouxe uma visão complementar, ou seja, das possibilidades que existem na pedagogia online, mas estão ausentes de uma classe sem recursos midiáticos. São elas a grande oferta de recursos e atividades diferentes, a propensão natural à interdisciplinaridade e a transmídia, o estímulo à autonomia discente, a afinidade com o ensino horizontal e comparatista, o acesso a bibliografias e outras informações com dinamismo, a horizontalidade do tratamento professor-aluno, a maior disponibilidade de contato docente-discente. Todas essas características estão afinadas com as diretrizes do ensino de extensão, modalidade que parte desde o interesse direto do aluno no assunto, não desde obrigatoriedades.

Com o melhor preparo dos professores no sentido de desenvolver gêneros do discurso e abordagens pedagógicas mais condizentes com a plataforma, a EaD pode assumir aspectos revolucionários de ensino em um curto espaço de tempo.

ANEXO 1: Guia didático ALPL

GUIA DIDÁTICO

Nome do curso: Aspectos da Literatura Policial

Carga horária: 40h

Número máximo de inscritos: 20

Ementa: A literatura policial é um gênero muito pouco aprofundado, talvez por causa de sua imensa popularidade. Tem representantes em quase todos os países do mundo, tendo se diversificado bastante em seus 250 anos de existência. Assim, neste curso nos perguntaremos o que é a literatura policial, de que temas ela trata, quais são seus personagens modelares, como foi compreendida em momentos diferentes. O objetivo é elaborar uma visão mais precisa e crítica deste fenômeno que todos nós aprendemos a adorar.

Materiais do curso: contos policiais e textos de apoio, além de vídeos disponíveis online.

Avaliação: Participação em chats, fóruns e entrega de uma pequena análise de um conto policial ao final do curso.

– Datas a serem definidas e explicações serão postadas no Moodle.

Critérios de avaliação: nota de 0 a 10 para todas as atividades.

Unidades: o curso está dividido em sete unidades.

- I - Literatura policial, a origem;
- II - Foi a Dona Violeta, na sala de música, com o castiçal: a estrutura de um relato policial;
- III - O detetive analítico e a era de ouro;
- IV - O hard-boiled e seu detetive “durão”;
- V - Con-tradições do policial, o policial metafísico;
- VI - Sobrevivendo ao pós-moderno, o relato policial hoje;
- VII- Questões teóricas.

Orientações:

Os alunos poderão, a qualquer tempo, enviar um e-mail ao professor a fim de esclarecer qualquer dúvida que tenham sobre o programa e sobre o conteúdo: raquelpar-rine@gmail.com

Recomenda-se que os alunos dediquem pelo menos 6 horas de estudo semanal, divididas em:

- a) 4 horas para leitura de textos e apontamentos;
- b) 2 horas para acessar os links de filmes, textos e demais páginas complementares.

Tem melhor aproveitamento nesta disciplina o aluno que, além de ler os textos e assistir aos filmes, participar dos fóruns, chats etc., pois esses serão os momentos ideais para tirar dúvidas, expor opiniões e entender alguns conceitos mais claramente.

Recomenda-se, portanto, que os alunos não deixem que as atividades semanais se acumulem, pois isso via de regra prejudica o acompanhamento das aulas. O aluno que perder ou não se desenvolver adequadamente em uma etapa terá prejuízo na compreensão da etapa seguinte. Aluno/as que não participarem de 2 atividades consecutivas serão advertidos e aqueles que não participarem de 3 atividades consecutivas serão excluídos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Obras Completas. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 20/11/2008.

BAPTISTA, Abel Barros. “A emenda de Sêneca: Machado de Assis e a forma do conto”. Teresa: Revista de Literatura Brasileira. No 6/7, 2006. São Paulo: Ed. 34, Imprensa Oficial, pp. 207-231.

_____. “Entre o rato e o beijo: analista e segredo em ‘A causa secreta’”. Espelho: Revista Machadiana. Porto Alegre: Número 3, 1997, pp. 5- 35.

_____. “O legado de Caldwell, ou o paradigma do pé atrás”. Santa Barbara Portuguese Studies. Santa Bárbara: n°1, pp. 145-77, 1994.

BENSTOCK, Bernard (org.). Essays on detective fiction. Londres: Macmillan, 1983.

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. O Romance Policial. Trad. Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

BORGES, Jorge Luis. Obras completas. Buenos Aires: Emecé, 2007.

_____. “O conto policial”. In: Cinco visões pessoais. Brasília: Editora UnB, 1979, pp. 31-40.

_____. “Leyes de la narración policial”. In: Textos recobrados (1931-1955). Buenos Aires: Emecé, 2001, pp. 36-39.

BRITTO, Paulo Henriques. “Um Criminoso”. In: Paraísos Artificiais. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHANDLER, Raymond. “A arte simples do crime”. In Pérolas Dão Azar. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro. [s.d.], pp.168-184.

_____. O longo adeus. Trad. Flávio Moreira da Costa. São Paulo: Círculo do Livro, 1985-a.

CHESTERTON, G. K. O segredo do Padre Brown. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

_____. “A Defense of Detective Histories”. Disponível em: http://www.chesterton.org/gkc/murderer/defence_d_stories.htm Acesso em: 05/03/2011.4

_____. The Innocence of Father Brown. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/204>. Acesso em: 17/05/2012.

POE, Edgar Allan. Ficção completa, poesia & ensaios. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2007.

PRIESMAN, Martin (org). The Cambridge Companion to Crime Fiction. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TODOROV, Tzvetan. “Tipologia do romance policial”. In: As estruturas narrativas. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Anexo II: Guia didático: MALP



Profª Ma Raquel Parrine

GUIA DIDÁTICO

Nome do curso: Aspectos da Literatura Policial: o Método

Carga horária: 40h

Número máximo de inscritos: 30

Ementa: O curso pretende tratar aspectos particulares concernentes à literatura policial, um gênero, apesar das aparências, prolífico, longo e intrincado. À primeira vista, muitas vezes desconsiderado, tem imbricado em si muitas questões pertinentes a qualquer estudo literário sério. Desta forma, durante o curso, vamos estudar duas questões fundamentais: o segredo e o método. O segredo é a razão de ser da narrativa policial e o método é a forma específica com que os autores do gênero manejam o segredo (a fim de mantê-lo). Vamos também estudar autores que trouxeram uma forma nova de pensar os dois elementos e, assim, articulá-los na narrativa, transformando o clássico em inovador.

Materiais do curso: Contos policiais, textos críticos, filmes e episódios de séries de televisão.

Avaliação: Participação em chats, fóruns e entrega de um trabalho curto a ser definido durante o curso.

– Datas a serem definidas e explicações serão postadas no Moodle.

Critérios de avaliação: menção (A, B, C, D) para todas as atividades.

Unidades: o curso está dividido em três unidades.

I: Sobre o Segredo

II: O método do segredo

III: Movimentos de subversão do método em nome do segredo

Orientações:

Os alunos poderão, a qualquer tempo, enviar um e-mail ao professor a fim de esclarecer qualquer dúvida que tenham sobre o programa e sobre o conteúdo: raquelpar-rine@gmail.com

Recomenda-se que os alunos dediquem pelo menos 6 horas de estudo semanal, divididas em:

- a) 4 horas para leitura de textos e apontamentos;
- b) 2 horas para acessar os links de filmes, textos e demais páginas complementares.

Tenha-se em vista que o curso vai exigir a leitura de um (1) romance, no final do semestre. O aluno deverá se organizar para ler o livro e participar das atividades.

Tem melhor aproveitamento nesta disciplina o aluno que, além de ler os textos e assistir aos filmes, participar dos fóruns, chats etc., pois esses serão os momentos ideais para tirar dúvidas, expor opiniões e entender alguns conceitos mais claramente.

Recomenda-se, portanto, que os alunos não deixem que as atividades semanais se acumulem, pois isso via de regra prejudica o acompanhamento das aulas. O aluno que perder ou não se desenvolver adequadamente em uma etapa terá prejuízo na compreensão da etapa seguinte.

Aluno/as que não participarem de 2 atividades consecutivas serão advertidos e aqueles que não participarem de 3 atividades consecutivas serão excluídos.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, J. J. *The Mystery Box*: Conferência TED. Disponível em: http://www.ted.com/talks/j_j_abrams_mystery_box.html. Acesso em: 20/fev/2013.

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 20/11/2008.

AUSTER, Paul. *A Trilogia de Nova York*: Cidade de Vidro, Espectros, A Sala Trancada. Trad. Marcelo Dimas Almada. São Paulo: Editora Best Seller, 1985.

BOLAÑO, Roberto. “William Burnes”. In: *Chamadas Telefônicas*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BORGES, Jorge Luis. “O conto policial”. In: *Cinco visões pessoais*. Brasília: Editora UnB, 1979, pp. 31-40.

CHESTERTON, G. K. *O segredo do Padre Brown*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

_____. “A Defense of Detective Histories”. Disponível em: http://www.chesterton.org/gkc/murderer/defence_d_stories.htm Acesso em: 05/03/2011.

CORTÁZAR, Julio. “A Continuidade dos Parques”. Trad. Idelber Avelar. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/archives/2005/04/continuidade_do.php . Acesso em: 02/fev./2013

GINZBURG, Carlo. “Sinais – raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

JANELA Indiscreta. Direção de Alfred Hitchcock. Universal Home Vídeo. 1 DVD, 115 min, sonoro, colorido. Legendado. Inglês. Disponível em: <http://www.downloadcult.com/2012/05/06/0274-janela-indiscreta-1954/>. Acesso em: 20/fev./2013

PIGLIA, Ricardo. “Teses sobre o conto”. Trad. Idelber Avelar. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/archives/2009/03/teses_sobre_o_conto_de_ricardo_piglia.php . Acesso em: 02/fev./2013

POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2007.

O REPOUSO Final de Clyde Bruckman. Episódio da terceira temporada de Arquivo -X. Direção de David Nutter. 45 min, sonoro, colorido, legendado, inglês. Disponível em: <http://depositfiles.org/files/2pvd19cf8> . Acesso em: 20/fev./2013

BIBLIOGRAFIA PARA CONSULTA

BENSTOCK, Bernard (org.). *Essays on Detective Fiction*. Londres: Macmillan, 1983.

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. *O Romance Policial*. Trad. Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

DERRIDA, Jacques. “Literature in secret”. In: *The Gift of Death and Literature in Secret*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

PRIESMAN, Martin (org.). *The Cambridge Companion to Crime Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TODOROV, Tzvetan. “Tipologia do romance policial”. In: *As Estruturas Narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

COMO CITAR ESTE RELATO:

PARRINE, Raquel. Experiência docente em três cursos a distância do Projeto Narravis. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 4, n. 2, p. 147-164, 2016. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 13 ago. 2014

Aceito em: 18 mar. 2016.